



BOLETIM INFORMATIVO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ORNITOLOGIA

Número 32 - Setembro de 2001

Data de publicação: 18 de Setembro de 2001.

NOTÍCIAS DA DIRETORIA DA SBO

Ocorreu no dia 28 de julho de 2001, durante o IX CBO, Assembléia Geral da SBO. Alguns dos assuntos tratados foram:

- ❖ Aprovada a realização do X CBO na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, de 21 a 26 de julho de 2002.
- ❖ O Presidente da SBO solicitou a todos os associados que, tão logo tomem conhecimento de questões relevantes para a ornitologia e a biodiversidade brasileiras, que mereçam manifestação da SBO, que comuniquem à Diretoria, enviando minuta desta manifestação, bem como destinatários e seus respectivos endereços.
- ❖ Novo endereço oficial da SBO: Caixa Postal 1644, CEP 80011-970, Curitiba, Paraná ou rua Francisco Maravalhas, 171, Jardim das Américas, CEP 81540-360, Curitiba, Paraná.
- ❖ Aprovado e constituído o Comitê Nacional do Congresso Internacional de Ornitologia, que se encarregará de fazer a proposta de realização do Congresso Internacional de Ornitologia de 2010 no Brasil. Está assim constituída:

Elizabeth Höfling
Augusto José Piratelli
João Luiz Xavier do Nascimento
José Fernando Pacheco
José Flávio Cândido Júnior
José Maria Cardoso da Silva

Luiz Antônio Pedreira Gonzaga
Luiz dos Anjos
Neiva Maria Robaldo Guedes
Pedro Scherer Neto
Roberto Brandão Cavalcanti (a confirmar)
Severino Mendes de Azevedo Júnior

- ❖ Foi sugerido e aprovado durante o IX CBO, que seja editada um número especial de *Ararajuba* com o tema interações aves/plantas. Este deverá ser o Volume 10 Número 1, a ser publicado em junho de 2002. Desta forma já estão sendo recebidos artigos com este tema pelo Editor.

BALANÇO FINANCEIRO DA SBO

Julho 2000 a Julho 2001

Saldo em julho de 2000: R\$11.089,08 (poupança) e R\$649,01 (conta corrente) = R\$11.738,09

INGRESSO DE RECURSOS

Pagamento de anuidades e livros: R\$12.751,28

DESPESAS

Ararajuba 8 (1): R\$ 3.959,00

Ararajuba 8 (2): R\$ 832,00

Correios: R\$ 611,68

Papelaria: R\$ 157,66

Despesas home-page: R\$ 250,00

Total: R\$ 6.677,39

Cartório: R\$ 26,50

Fotocópias: R\$13,95

Transporte Ararajuba: R\$526,60

Adiantamento Luiz dos Anjos (correios): R\$300,00

Devolução IX CBO: R\$274,00

Saldo: R\$16.004,98

Saldo em 13/07/2001: R\$ 11.793,00 + R\$ 6.146,72 = R\$17.939,72

Angelica Maria Kazue Uejima - Tesoureira – SBO

ACONTECEU NO IX CBO

O PROGRAMA DE IBAS DA BIRDLIFE INTERNATIONAL E SUA IMPLEMENTAÇÃO NO BRASIL

GLAYSON ARIEL BENCKE
gbencke@terra.com.br

O que é?

O Programa de IBAs (do inglês "*Important Bird Areas*") é uma iniciativa global da *BirdLife International* que visa identificar e proteger as áreas mais importantes para a conservação das aves e seus habitats em todo o mundo. O conceito de IBA resulta de uma série de estudos conduzidos na Europa durante a década de 80, que culminou com a publicação do inventário *Important Bird Areas in Europe* em 1989. A partir dessa publicação, teve início o programa europeu de IBAs, que tem impulsionado o desenvolvimento de ações de preservação e manejo por todo o continente através de uma estratégia de cooperação entre as diversas organizações conservacionistas que compõem a aliança da *BirdLife International* na Europa. Como consequência direta do programa, o percentual das IBAs que recebem proteção formal no continente europeu, por exemplo, cresceu de apenas 25% em 1989 para mais de 50% em 1995, estando atualmente acima de 60%.

O sucesso do programa de IBAs na Europa demonstrou o grande potencial dessa estratégia para a conservação das aves nos níveis nacional e internacional. Assim, a *BirdLife International* vem expandindo o programa para outras partes do mundo através de seus muitos parceiros nacionais. Em 1994, foi publicado o diretório *Important Bird Areas in the Middle East*; outros inventários continentais e nacionais já se encontram finalizados ou em andamento na África, Américas e partes da Ásia. Nas Américas, México e Panamá já estão disponíveis publicações sobre as suas IBAs.

As IBAs são áreas definidas que (1) abrigam espécies de aves globalmente ameaçadas de extinção, (2) concentram uma parcela significativa das espécies de distribuição geográfica restrita que definem uma EBA (*Endemic Bird Area*), (3) contêm um subconjunto representativo da avifauna endêmica de um bioma ou região zoogeográfica, ou (4) servem como pontos de concentração para aves congregatórias. Essas áreas são identificadas através de critérios objetivos e unificados (ver quadro), o que significa que as IBAs reconhecidas em diferentes regiões do mundo são equivalentes ou comparáveis entre si. É importante, ainda, que as IBAs sejam passíveis de conservação, levem em conta o sistema de áreas protegidas já existente e, idealmente, sejam grandes o suficiente para abrigar populações viáveis das espécies para as quais são definidas.

As IBAs são selecionadas de forma que, em conjunto, configurem uma rede de áreas ao longo da distribuição geográfica das espécies. Entre as aves, os padrões de distribuição são tais que, na maioria dos casos, é possível selecionar áreas onde ocorrem várias espécies de interesse, embora uma IBA possa ser definida para a conservação de uma única espécie em particular. Análises de complementariedade permitem identificar espécies ou habitats críticos que não estão adequadamente representados nas áreas propostas e, assim, aperfeiçoar o sistema de IBAs com vistas a assegurar a preservação a longo prazo do maior número possível de espécies. O processo de seleção das IBAs é amplamente documentado e os resultados dos inventários são divulgados através de diretórios nacionais (no idioma apropriado) e continentais. Essas publicações apresentam uma descrição de cada IBA, as justificativas para a sua designação e as ações de conservação necessárias para a sua preservação.

No entanto, o programa mundial de IBAs da *BirdLife International* vai muito além de um simples exercício de identificação de áreas prioritárias para a conservação. O objetivo maior é a conservação a longo prazo de todas as IBAs, seja como unidades de conservação ou através do uso sustentável dos recursos naturais. Para que isso seja possível na prática, é necessário desenvolver estratégias específicas e organizar redes de colaboradores que se responsabilizem pela conservação das IBAs em cada região. O papel dos programas de IBAs da *BirdLife International* é estimular, promover e coordenar as ações de conservação nas redes nacionais e continentais de IBAs, trabalhando em conjunto com ornitólogos, observadores de aves, ecologistas, voluntários, empresas, organizações

governamentais e não-governamentais, enfim, pessoas e instituições nos mais diversos níveis geopolíticos.

O programa no Brasil.

O Brasil apresenta dimensões continentais e detém uma das avifaunas mais ricas do mundo. O programa brasileiro de IBAs deve adequar-se a essa realidade e, ao mesmo tempo, levar em consideração as diversas iniciativas já postas em prática no país para a identificação de áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade.

Assim, frente às dificuldades de se implementar o programa simultaneamente em todas as regiões do Brasil, a Mata Atlântica foi escolhida entre os biomas brasileiros como o ponto de partida para a identificação das IBAs no país. Esta escolha se justifica duplamente, tanto pela situação crítica em que se encontram os ecossistemas que compõem o domínio da Mata Atlântica, quanto pela acessibilidade e volume de informações disponíveis sobre o bioma, sobretudo tendo em vista a recente realização do *workshop* "Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos" (baseado no programa de *workshops* regionais da *Conservation International* e promovido em parceria pelo Ministério do Meio Ambiente como parte do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira–PROBIO).

Em termos políticos, a área de abrangência desta etapa inicial do programa brasileiro corresponde aos estados inseridos no domínio da Mata Atlântica (conforme instituído pelo Decreto Federal nº. 750/93), exceto Mato Grosso do Sul e Goiás, que possuem afinidades maiores com outros biomas brasileiros. Primeiramente, portanto, planeja-se identificar as IBAs no âmbito das regiões Sul, Sudeste e Nordeste (com exceção do Maranhão, que não está incluído no domínio legal da Mata Atlântica). A ampliação do escopo original do programa para abranger a totalidade do território desses estados (e não apenas as suas áreas cobertas por Mata Atlântica) tem por objetivo garantir a máxima compatibilidade entre as futuras iniciativas de preservação nas IBAs e as políticas estaduais de conservação ambiental, ao disponibilizarem-se análises completas por estado. Em consequência disso, outros biomas, como o Cerrado, a Caatinga e os Campos Sulinos, também serão parcial ou integralmente contemplados durante esta primeira fase do programa brasileiro.

No Brasil, um grande volume de informações sobre áreas importantes para aves endêmicas ou ameaçadas de extinção já se encontra disponível na literatura científica e em diagnósticos sobre áreas prioritárias para a conservação (notadamente os *workshops* da CI/PROBIO). A compilação e análise prévia dessas informações é essencial, pois evita a duplicação de esforços e agiliza o processo de identificação das IBAs potenciais, uma vez que várias áreas já podem ser designadas como tal sem o aporte adicional de dados. Essa análise permite ainda que se identifiquem as espécies de interesse que apresentam as maiores demandas em termos de informações básicas. No programa brasileiro, a tarefa de compilar e analisar os dados disponíveis está a cargo dos ornitólogos Glayson A. Bencke, da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, e Giovanni N. Maurício, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre. Ao final desse trabalho preliminar, será elaborado um documento-síntese que servirá de base para a implementação de um processo participativo de aprimoramento da rede de IBAs identificadas no país, que será amplamente divulgado e envolverá representantes da comunidade ornitológica nacional.

Os programas específicos de conservação já iniciados em Murici, Alagoas, e Serra das Lontras, sul da Bahia, que se anteciparam à designação formal dessas áreas como IBAs, fornecem uma boa idéia de como o programa brasileiro será implementado na prática. Esses programas vêm sendo desenvolvidos desde 1999, sob a coordenação de Jaqueline M. Goerck, gerente de programas da *BirdLife International* no Brasil. A Sociedade Nordestina de Ecologia, em Murici, e o Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia, na Serra das Lontras, são os principais parceiros da *BirdLife International* no desenvolvimento desses programas. As iniciativas de conservação em Murici recentemente resultaram na criação da Estação Ecológica de Murici através de decreto federal assinado pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, o que representa um importante passo para a efetiva preservação da área.

O programa de IBAs no Brasil está em seus primeiros passos. Os resultados preliminares, porém, são bastante promissores. Uma síntese sobre a estratégia de trabalho do programa brasileiro, assim como os primeiros resultados da identificação de IBAs potenciais no país, foram apresentados durante o

simpósio sobre áreas importantes para a conservação de aves nos países do Cone Sul, no IX Congresso Brasileiro de Ornitologia, realizado entre 22 e 27 de julho deste ano, em Curitiba. A repercussão desse simpósio durante o CBO mostrou o comprometimento da comunidade ornitológica brasileira com a questão da conservação das aves e a sua receptividade em relação ao programa de IBAs da *BirdLife International* no Brasil. Vários ornitólogos dispuseram-se a divulgar o programa e a enviar seus artigos científicos para subsidiar as análises prévias. É a expectativa dos coordenadores do programa brasileiro que a identificação de IBAs no âmbito dos estados da Mata Atlântica seja finalizada em um prazo relativamente curto e que se possa iniciar o trabalho em outras regiões do país em um futuro muito próximo.

Sumário das categorias e critérios internacionais para a identificação de IBAs.

Categoria A1: Espécies globalmente ameaçadas de extinção.

Critério: A área regularmente abriga uma espécie globalmente ameaçada de extinção classificada como *Critical* ou *Endangered* (segundo as categorias de ameaça da IUCN), ou números significativos (definidos regionalmente) de espécies classificadas como *Vulnerable* ou *Near Threatened*.

Categoria A2: Espécies de distribuição geográfica restrita.

Critério: A área comprovada ou presumivelmente abriga um subconjunto significativo das espécies de distribuição restrita cujas áreas de reprodução definem uma *Endemic Bird Area* (EBA) ou uma *Secondary Area* (SA)*

Categoria A3: Espécies endêmicas de um bioma.

Critério: A área comprovada ou presumivelmente abriga um subconjunto significativo das espécies confinadas a um bioma ou região zoogeográfica em particular**.

Categoria A4: Espécies congregatórias.

Critério:

(i) A área comprovada ou presumivelmente abriga, em uma base regular, $\geq 1\%$ da população biogeográfica de uma espécie aquática congregatória *ou*

(ii) A área comprovada ou presumivelmente abriga, em uma base regular, $\geq 1\%$ da população global de uma espécie terrestre ou marinha congregatória *ou*

(iii) A área comprovada ou presumivelmente abriga, em uma base regular, ≥ 20.000 aves aquáticas ou ≥ 10.000 pares de aves marinhas de uma ou mais espécies (critério RAMSAR) *ou*

(iv) A área comprovada ou presumivelmente excede os limites estabelecidos para espécies migratórias em sítios de afunilamento populacional ou pontos de parada intermediários.

* Conforme Stattersfield *et al.* (1998) *Endemic Bird Areas of the World*. BirdLife International (BirdLife Conservation Series No. 7).

** Para a Região Neotropical, estão sendo adotadas as regiões zoogeográficas definidas em Stotz *et al.* (1996) *Neotropical birds: ecology and conservation*. Chicago, Chicago University Press.

“FRACASSOS, LAPSOS E OPORTUNIDADES REALIZADAS POR OUTROS NA MINHA PEREGRINAÇÃO ORNITOLÓGICA NO RIO GRANDE DO SUL”

WILLIAM BELTON

Quando Pedro Scherer convidou-me para falar-lhes, sugeriu-me que abordasse o que realizei ornitologicamente durante minhas pesquisas no Rio Grande do Sul. Embora confesse que gosto de falar sobre minha vida passada, prefiro deixar para outrem avaliar minha contribuição sobre as aves, o qual certamente o poderá retratar de um poleiro mais elevado e sem o encobrimento da folhagem da minha própria vaidade. Em consequência, vou dar um outro rumo à minha palestra. Ainda permanecendo no campo geral das minhas atividades ornitológicas, penso que talvez seja mais interessante que lhes conte algumas coisas que não logrei cumprir durante meu período de pesquisas no extremo sul brasileiro.

Meu primeiro contato com o Rio Grande do Sul ocorreu já em 1946, quando exerci o cargo de Cônsul dos Estados Unidos da América em Porto Alegre. Durante meus encargos imediatamente anteriores, no Canadá, pela primeira vez aprendi a admirar a beleza e experimentar o fascínio dos pássaros. Assim, chegava ao Brasil com entusiástica expectativa de descobrir o que este país me pudesse oferecer em novidades ornitológicas. Antes da minha chegada fui informado de que coletar espécimes seria uma atividade essencial em ornitologia e que a forma mais apropriada seria abater as aves com “chumbo pimenta”, cuja escumilha é suficientemente pequena para matar a ave, porém sem danificar-lhe a pele. Eu já tinha uma arma calibre 22 e adquiri cartuchos apropriados, munidos daquele chumbo. Uma bela manhã de domingo, fui para os arredores para caçar meu primeiro espécime. Logo encontrei um martim-pescador, empoleirado sobre um brejo, em posição baixa e próximo da estrada. Com todo cuidado e aproximando-me o mais possível, fixei a mira e disparei o tiro, mas a ave permaneceu no seu poleiro, como se nada tivesse ocorrido. Eu nunca fui um bom atirador, mas tinha certeza de que devia ter acertado na ave. Para garantir a pontaria na minha tentativa seguinte, apoiei-me no capô do carro para firmar-me e disparei outra vez. Desta vez a ave saiu voando. Fiquei desgostoso e encerrei minha tentativa de coleta neste dia, intrigado e ansioso por descobrir o mistério do meu mau desempenho como atirador. Ao chegar em casa, desenhei um esquema de pássaro no meio de um papel grande e o fixei a mesma num muro dos fundos do pátio da casa. Logo disparei sobre o desenho aproximadamente à mesma distância em que o fim com o martim-pescador. As perfurações do chumbo demarcaram no papel um grande aro, do tamanho de um pneu de carro, ao redor do desenho, sem nenhuma perfuração que atingisse a “ave”. Resultou que minha arma era um rifle calibre 22, de cano raiado, o que serve para fazer girar uma bala e assim manter certo seu trajeto. Mas quando a escumilha saiu da arma, o cano raiado produziu um efeito centrífugo na escumilha, e meu tiro só teria atingido a ave se minha pontaria fosse muito precária. ou se, talvez, o alvo fosse uma ema! No dia seguinte encomendei uma espingarda calibre 22, de cano bem liso.

Devo ressaltar que rapidamente descobri ser bem mais agradável examinar as aves vivas através de binóculos, para lhes estudar a bela plumagem e seus hábitos, do que abatê-las, tanto que minha “coleção” naqueles tempos nunca ultrapassou dez ou doze espécimes. Além disso, minha esposa logo se cansou de preparar as peles.

Todo ornitólogo sonha em descobrir uma espécie nova, ainda não descrita. Isto eu não alcancei, mas talvez eu tivesse conseguido se houvesse iniciado meus trabalhos no Rio Grande do Sul quatro anos mais cedo. Meu amigo e mentor, Helmut Sick, chegou primeiro. Eu soube, por ele mesmo, do pequeno drama que ele enfrentou na época, quando o encontrei pela primeira vez, pouco depois de minha volta para o Brasil em 1967, para trabalhar na Embaixada dos Estados Unidos, que naquele tempo ainda era sediada no Rio de Janeiro. Eu o convidei para um almoço no restaurante do magazine Mesbla. Enquanto comíamos, Sick comentou que foi uma feliz coincidência a escolha desse restaurante, visto que o edifício da Mesbla, no ano anterior, havia sido notabilizado na mídia quando foi verificada a presença constante de um falcão peregrino, migrante da América do Norte, invernando nos altos do edifício e tendo por isto recebido a alcunha de “Gavião da Mesbla”. Depois de falar sobre minhas primeiras experiências entre 1946 e 1948, com os problemas de determinação sem qualquer guia de campo, ele contou-me sua própria história vivida no Rio Grande do Sul. Durante uma viagem de pesquisa àquele estado em 1966, ele coletou uma ave que não foi possível determinar. No seu retorno ao Rio de Janeiro, ele constatou ser uma espécie ainda não descrita e preparou o artigo no qual descrevia o que hoje conhecemos como *Cinclodes pabsti*, vulgarmente “terezinha” ou “pedreiro”. Pouco antes desse nosso encontro, ele havia submetido o artigo a um periódico alemão, onde o mesmo teria que aguardar, entre uma porção de artigos, sua vez de ser publicado. Encontrava-se ansioso com a expectativa, que todo ornitólogo experimenta, ao propor uma espécie nova. Como todos vocês sabem, a honra e o crédito do descobrimento de uma nova espécie não são atribuídos a quem primeiro a encontra, mas sim a quem primeiro a descreve e nomeia corretamente, através de publicação credenciada. Durante a pesquisa para preparar o seu artigo, Sick encontrou outros espécimes, iguais àquele que foi por ele coletado, nas coleções do “American Museum of Natural History”, de Nova Iorque. Eram parte de material coletado pelo profissional Emil Kämpfer, por volta de 1930 e, por razões desconhecidas, nunca haviam sido

examinados adequadamente. Assim, a possibilidade de alguém outrem de repente encontrar aqueles espécimes descrever e publicar a espécie nova, antes dele, era uma possibilidade que poderia ocorrer. Acrescente-se a isto, que depois de Sick ter enviado seu artigo à Alemanha, descobriu que havia ainda outros espécimes no Museu de São Paulo, como parte de uma coleção de aves do Rio Grande do Sul, remetidas por um coletor local para identificação, o qual havia também publicado uma lista de aves depositadas no Museu de Caça e Pesca do Rio Grande do Sul. Na lista mencionava os espécimes como membros do gênero *Cinclodes* e numa nota em rodapé explicava: “Espécie que aguarda determinação científica..., conforme o Sr. Eurico A. de Camargo, deve tratar-se de espécie ainda não descrita”. Sick não conseguia acreditar o porque do Camargo ainda não ter aproveitado a oportunidade para descrever esta ave. Ele ficou desconfiado de que Camargo ainda fosse publicar, e mais e mais ansioso ficava com a longa demora da sua própria publicação. A estória teve, como todos sabem, um final feliz, com a publicação do artigo de Sick em 1969, assegurando-se a ele a honra da descoberta da nova espécie.

Há também outras maneiras de conseguir a imortalidade neste campo. Sick nomeou sua nova espécie em nome de Guido Pabst, um botânico amigo dele, em parte porque ele havia fornecido o veículo para a excursão durante a qual coletou o espécime. Isto indica a importância de sempre ser prestativo para com os pesquisadores de campo

É ocioso lamentar minha chegada atrasada à área de ocorrência de *Cinclodes pabsti*, mas acredito que há ainda uma outra espécie ainda não descrita escondendo-se nas florestas do Rio Grande do Sul e dos outros Estados sulinos, inclusive aqui no Paraná. Ela ainda está disponível para a descoberta somente porque deixei o Brasil antes de ter a chance de pesquisá-la. Permanece como um desafio a todos os ornitólogos, pois que eu saiba, ninguém ainda pesquisou seu real “status”. Já escrevi sobre o assunto e tenho cópias do artigo comigo, que podem ser solicitados por quem quiser continuar onde eu parei. Resumidamente estou me referindo a duas formas de *Cnemotriccus fuscatus*, vulgarmente conhecidas como “guaracavuçu”: *Cnemotriccus fuscatus fuscatus* e *Cnemotriccus fuscatus bimaculatus*. No Rio Grande do Sul as duas formas encontram-se, uma no leste, outra no oeste do Estado; elas não compartilham a mesma área geográfica, nem o mesmo hábitat; inclusive não reconhecem mutuamente as respectivas vozes. Estes fatos me levam a supor que possam ser espécies distintas, mas enquanto não se conseguir determinar os limites das respectivas áreas de distribuição, e saber como elas se comportam nas outras localidades, a situação permanecerá um mistério. Devo dizer que eu ouvi falar, há apenas umas duas semanas, que existe uma pessoa que está fazendo uma pesquisa que não tenho certeza, mas parece ser este problema que está tratando. Por isto, vocês que têm este interesse devem estar lá, logo, logo, para ganhar o prêmio!

Eu sempre tive esperanças de conseguir uma edição em português da minha monografia em inglês sobre as aves do Rio Grande do Sul. Contudo, acho que minhas orações não tiveram muita relevância para concretização dos eventos que finalmente a permitiram, assim que os méritos dos resultados finais, em boa parte devem ser atribuídos a outros. Durante a década de 70, quando realizei minhas pesquisas no Estado,, não havia qualquer esperança de se conseguir recursos para financiar uma edição em português, ainda que somente com algumas ilustrações em preto e branco, pois o público a ser atingido era um grupo muito limitado de especialistas.

De fato, levou até vários anos para se conseguir o dinheiro necessário para publicar pequeno livro-de-bolso “Aves Silvestres do Rio Grande do Sul”, que escrevi e illustrei com excelentes fotos coloridas de John Dunning, apesar deste ser destinado ao grande público, e ainda assim, devido somente aos esforços constantes do meu amigo, Prof. José W. Thomé, então Diretor da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul e outro pessoal daquela Instituição.

Porém, um pouco de sorte, e algumas pessoas prestativas, resolveram o problema do livro de pesquisas. Um certo dia recebi uma carta de Teresinha Tesche, uma brasileira, originária do Rio Grande do Sul, moradora na África, casada com um cidadão inglês, este trabalhando naquele tempo no Malawi. Ela estava interessada em aves gaúchas, faltavam outras atividades para mantê-la ocupada, e me perguntou o que achava de ela traduzir o meu livro! Minha reação imediata foi autorizá-la a iniciar a tradução logo, antes de ela encontrar alguma outra coisa para se distrair! Fizemos um arranjo, no sentido de que eu poderia incluir quaisquer dados novos de que pudesse dispor e que eu também poderia rever o seu texto. Transcorreram mais de dois anos de intensa correspondência, entre West Virginia, onde eu moro, e o Malawi de um lado, e West Virginia e o Rio Grande do Sul, de outro. Walter Voss foi um contribuinte eficaz na ajuda em obter informações sobre novas espécies e novas distribuições, fornecidas por diversos prestativos gaúchos. Então, Martin Sander, naquela época presidente desta Sociedade Brasileira de Ornitologia, entrou no palco, realizando o milagre de conseguir uma editora interessada: Editora UNISINOS, de São Leopoldo. Sem a inestimável ajuda de todas estas pessoas, jamais teria saído o livro “Aves do Rio Grande do Sul - distribuição e biologia”. Sou imensamente grato a cada uma delas.

Ficou constatado recentemente que minha lista de aves do Rio Grande do Sul já está muito incompleta. Na preparação para minhas atividades de pesquisa naquele Estado, consultei todas as referências bibliográficas de autores consagrados, para saber quais as espécies que lá ocorriam. Liste então cerca de 425 espécies. Isto certamente era um número bem distante da realidade, pois após poucas semanas da

minha chegada, eu já havia encontrado diversas espécies não listadas. Por ocasião do término das minhas pesquisas, mais de nove anos depois, a lista cresceu para um muito respeitável número de 586. Entretanto, por ocasião do término da tradução para o português, em 1993, já havia mais 25 espécies registradas. E agora, Glayson Bencke produziu nova lista anotada, publicada ontem. De conformidade com os muito rígidos critérios estabelecidos pelo novo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos, ele eliminou alguns dos antigos registros mais questionáveis que eu tinha incluído, e mesmo assim o número total de espécies para o Estado até maio deste ano havia aumentado para o notável número de 624 espécies. E ele me disse que há cinco ou seis mais na sala de espera, aguardando investigação para serem admitidos à lista.

Qual é a explicação para este aumento significativo? Claramente havia aves por lá que eu nunca encontrei. Claramente também, apareceram nestes últimos anos, muitas aves de arribação ou vagantes. Mas a razão fundamental para este grande número é o constante incremento no número de brasileiros interessados em aves. Fiquei fascinado ao ver as numerosas pessoas que Bencke menciona em seu manuscrito que lhe ajudaram a conseguir as informações. Vinte e cinco delas eu não conhecia por ocasião da publicação de meu trabalho original. Eu expressei às mesmas e aos amigos que conheço pessoalmente, meus agradecimentos e felicitações por seu valioso trabalho, o que está fazendo da ornitologia no Rio Grande do Sul uma ciência continuada, progressiva e dinâmica.

Bem, eu poderia continuar a falar sobre meus outros erros e omissões. Por exemplo, surpreendeu-me que após 31 anos, fosse aprender, por meio de Bencke, que o gênero *Ictinia* se escreve sem a letra "e"!

Mas não quero finalizar esta palestra através de observações negativas. Prefiro ressaltar alguns resultados de minhas atividades no Rio Grande do Sul que são pessoalmente deveras positivos.

Eu tive uma infância feliz, agradáveis anos durante minha educação, uma carreira profissional de satisfações e sucesso no serviço diplomático de meu país, e acho que meu trabalho em prol da conservação da avifauna, desenvolvido nos últimos vinte anos, especialmente na região neotropical, foi útil e por certo era agradável.

Entretanto, sem quaisquer dúvidas, meus melhores anos de vida foram os da década de 70, quando eu vagueava por todos os recantos do Rio Grande do Sul, observando e estudando pássaros nos campos, florestas, nos banhados e praias que me encantavam com sua beleza natural.

Durante este tempo eu fiz sólidas e duradouras amizades com brasileiros que me ampararam e faziam meu trabalho ser enormemente agradável então; que mantém meu espírito ativo e meu interesse vivo ainda hoje; e que, enquanto envelheço enriquecem-me com preciosas memórias que vão sustentar-me para o resto de minha vida.

Para todos aqueles que contribuíram para minha felicidade, e a todos vocês com a paciência de escutar-me agora, muito obrigado.



Belton com amigos durante o CBO: da esquerda para a direita: Felipe Zilio, Rafael Dias, André de Mendonça-Lima (na frente), Belton, Carla Fontana e Giovanni Mauricio. Foto: Paulo Sérgio M. Fonseca.

“UM POUCO DA HISTÓRIA DA NOMENCLATURA ZOOLOGICA SOB O PONTO DE VISTA DA ORNITOLOGIA” *

JOSÉ FERNANDO PACHECO**

O título desta palestra já é um exemplo de pretensão. Falar sobre a história da nomenclatura seria falar sobre 250 anos de nomenclatura zoológica. Para ser positivo vou falar apenas um pouco daquelas questões que envolvem a ornitologia. Existe também uma passagem da nomenclatura zoológica em que a ornitologia teve um papel fundamental, já que foi proposta por um ornitólogo, que mudou completamente o rumo da nomenclatura zoológica. Falarei sobre isso mais adiante.

NOMENCLATURA: O CÓDIGO, A COMISSÃO E ALGUNS CONCEITOS

Todos sabem que existe hoje um ‘Código Internacional de Nomenclatura Zoológica’ que prescreve regras e recomendações a serem seguidas por todos que precisam fazer uso da nomenclatura. Todos conhecem também, desde o segundo grau, a figura de Carl von Linné (1707-1778), que teve um papel preponderante na nomenclatura em geral. Nomenclatura é o ato de dar nomes aos táxons, diferente de terminologia que seria a nomeação de itens de uma especialidade. Todos sabem também que os nomes dos táxons são latinizados, e que a nomenclatura é composta de categorias, como reino, filo, classe, ordem, família, gênero, espécie e os grupos intermediários, sub-filo, sub-ordem, super-ordem, super-família, etc. Estes conceitos são mais claros à medida que se começa a utilizar a nomenclatura.

Homonímia seria a existência de nomes idênticos no Reino Animal e esta situação não é admitida pelo Código. Se há nomes idênticos um deles será disponível e o outro não, ou seja, não é possível haver dois animais com o mesmo nome.

Sinonímia ocorre quando um táxon tem vários nomes, sendo apenas um disponível (o mais antigo, segundo a data da publicação) e os demais sinônimos.

Prioridade é um conceito que se aplica quando há vários nomes para um táxon e neste caso o mais antigo prevalece, ou seja é considerado o ‘nome disponível’ (= nome válido). Um nome para ser disponível precisa estar publicado, o que hoje parece óbvio, mas nem sempre foi assim. O próprio entendimento de autoria passou por diversos estágios na história da nomenclatura zoológica. Houve também um momento em que data não era coisa importante, porque não havia o preceito da prioridade, assim naquela época não uma praxe que se buscasse pelo nome mais antigo para ser aquele ‘o disponível’. Data era então um dado secundário, que só se descobria quando se pesquisava a publicação da descrição original.

Outro conceito importante é o da tipificação. Cada táxon deveria ter um tipo, um modelo, que representava (ou ‘portava’) este nome; enfim, que permitia a aplicação correta deste nome. Todos os táxons, independentes da categoria, têm um tipo, sendo que alguns são mais importantes que outros. O ‘tipo portador do nome’ é o nome oficial hoje em dia, mas nas publicações mais antigas aparece como “espécime tipo”, ou “exemplar tipo”. O gênero também tem um tipo que é uma espécie escolhida entre aquelas que fazem parte do gênero. Há também o tipo da família, que é um gênero escolhido. Isto tudo fica menos importante quando estas categorias são monotípicas. Por exemplo, o gênero monotípico só tem uma espécie, neste caso o tipo do gênero é obviamente esta única espécie.

A Comissão de Nomenclatura Zoológica é constituída por um conjunto de pessoas escolhidas num Congresso Internacional de Zoologia, que se reúne para decidir sobre situações omissas ou sobre situações polêmicas, só funcionando nos casos nos quais são requisitados. Desta forma, propostas taxonômicas em voga só receberão parecer da Comissão se esta for acionada formalmente por intermédio de uma moção.

NOMENCLATURA NÃO É TAXONOMIA

Uma obra em nossa língua que traz uma gama muito boa de informações sobre este tema é o Fundamentos Práticos de Taxonomia Zoológica, de Nelson Papavero, que traz também a tradução do Código Internacional de Nomenclatura.

Falar da história da nomenclatura não é falar da história da taxonomia. Os diferentes sistemas de classificação, critérios e conceitos utilizados, pertencem a esta última. Porém uma interfere na outra. Quando se faz um novo sistema de classificação é preciso dar nomes a este novo arranjo e para isto necessita-se de nomes disponíveis, corretos, aplicáveis.

Não se trata também de uma história sobre as formas de descrição, ou seja: formas de descrição mais sucintas, mais sintéticas, muito breves, muito extensas.... Quando se descrevia obrigatoriamente em latim, a partir de que momento se começou a descrever também em outras línguas, quando se descrevia exaustivamente uma espécie sem comentar (= diagnose) suas diferenças com outros taxons aparentados, etc.

O ponto de partida da Nomenclatura Zoológica é a 10ª edição do *Systema Naturae* de Lineu, que data de 1758. Muitos perguntam porque a décima edição e não outras anteriores, ou mesmo a primeira, que ele havia proposto em 1735? Veremos isto mais adiante.

O Código Internacional de Nomenclatura Zoológica vigente, está em sua quarta edição de 1999, vigorando a partir de 1º de janeiro de 2000. O livro de Nelson Papavero traz duas frases (de Nelson Bernardi) que refletem bem os objetivos deste Código: “O Código pretende que cada táxon animal tenha um nome único, estável e universal” e “Seja qual for o conceito adotado, se um zoólogo concluir que determinado táxon é uma espécie, o Código prescreve a maneira de nomeá-lo”. Este é um desejo de quem faz nomenclatura zoológica, mas historicamente é uma busca sem muito sucesso, e veremos um pouco disto aqui. A última frase é muito oportuna, já que neste Congresso em alguns momentos pode-se perceber que alguns palestrantes não fizeram uma separação muito clara entre taxonomia e nomenclatura. Nomenclatura na realidade nem é zoologia. A taxonomia vai até o ponto onde se decide que algo deve ser nomeado. Não pode haver uma interferência da nomenclatura sobre a taxonomia.

Há alguns outros códigos de nomenclatura, como por exemplo o Código Internacional de Nomenclatura Botânica e o Código Internacional de Nomenclatura das Bactérias. A botânica tem uma história de nomenclatura bem diferente da zoológica, tendo começado muito mais cedo a se preocupar com regras e recomendações, tendo portanto mais tradição. Já existe desde 1989 uma proposta para unificar todos estes códigos de nomenclatura de seres vivos, mas existe muita resistência principalmente por parte dos botânicos, onde interessantemente a idéia surgiu. A proposta foi votada no ano passado no Congresso Internacional de Botânica mas não foi aprovada.

A FIGURA CHAVE DE LINEU

Na época de Lineu (Séc. XVIII) apenas as pessoas muito importantes eram retratadas e, não à toa, vasculhando-se a história é possível encontrar uma quantidade muito grande de retratos dele, o que é uma prova de que ele foi mesmo muito importante. Lineu nasceu no sul da Suécia (Stenbrohult) em 23 de maio de



1707. O fato da proposta de nomenclatura ter partido de um sueco faz uma grande diferença. Provavelmente se tivesse partido de um inglês ou de um francês, e sabendo-se das rivalidades entre estes dois países principalmente no século XVIII, este sistema talvez jamais vingasse universalmente. Sendo proposto por um sueco, ganhou terreno em outros países importantes tradicionalmente na História Natural como Holanda e Alemanha, onde foi ganhando força e quando foi introduzido na França e na Inglaterra, não era proposto por um país rival e sim por um terceiro, e desta forma sua adoção nestes países teve um peso diferente.

Curiosamente Linné é o nome de uma planta, uma árvore, e este nome foi adotado por seu pai, Nils Ingermasson, ainda antes do casamento. Era uma tradição sueca na época adotar nomes diferentes dos nomes da família, quando se avançava nos estudos. Em português corresponde a tília. O próprio Lineu a nomeou como *Tilia vulgaris*. Em 1728 Lineu se transferiu para Upsala, a principal universidade da Suécia, onde entretanto não havia condições de fazer o Doutorado. Em 1735 se transferiu para Hardewijk na Holanda, onde seis meses após a transferência completou o Doutorado. Lá recebeu o apoio de um mecenas, George Clifft, um dos vários milionários que fizeram suas fortunas graças ao comércio internacional. Lineu trabalhou num parque 'zoobotânico' deste, que mantinha uma coleção muito boa de acordo com os padrões da época, tanto de animais vivos quanto de materiais armazenados. Graças a isto pode fazer a primeira edição do *Systema Naturae*, na qual trabalhava desde 1731, perseguindo um sistema que fosse de fácil utilização. Também fez contato com vários cientistas importantes da Holanda, da Universidade de Leiden, o que permitiu que publicasse uma série de obras, difundindo suas idéias.

A primeira edição do *Systema Naturae* era na realidade um folheto, pois tinha apenas 30 páginas, 13 delas dedicada aos animais. O *Systema Naturae* era não apenas um sistema de classificação e nomeação dos animais e plantas, mas também do reino mineral, sendo que entretanto neste campo o sistema não vingou, tendo surgido outras propostas que se tornaram mais utilizadas. Havia inclusive um ditado no século XVIII que dizia: "Deus creavit, Linnaeus Dispuit", ou seja, "Deus criou, Lineu dispôs", tal era a necessidade de Lineu de ordenar a natureza. Lineu foi aprimorando seu sistema de classificação, tendo publicado 12 edições do sistema, sendo que já a décima edição, em 1758, contava com 2 volumes e 823 páginas dedicadas ao reino animal. A décima segunda edição, em 1766, com três volumes, dedica 1327 páginas à parte dos animais. Lineu tentava reunir e nomear em seu livro de classificação todos os animais conhecidos de sua época.

Lineu não foi o primeiro a propor o sistema binomial, o que já havia sido proposto por um botânico anteriormente a ele. Em regra no século XVIII os nomes científicos, ou seja os que adotavam nomes de origem clássica, gregos ou latinos, eram polinômios, ou seja, existia um gênero mas a espécie podia ser formada por um número variável de nomes, às vezes até seis nomes ou mais. Apenas na décima edição Lineu chegou à conclusão de que precisava simplificar isto, usando consistentemente apenas um sistema binomial.

No período em que permaneceu na Holanda, Lineu publicou inúmeras obras. Tantas, ao longo de toda a sua vida que o Museu Britânico publicou em 1933 um catálogo reunindo suas obras (Catalogue of the works of Linnaeus). Isto se deu pelo fato de que a viúva de Lineu doou ao Museu Britânico toda a biblioteca que pertencia a Lineu por ocasião de sua morte.

Lineu, além de muito importante, muito produtivo, persistente, foi também, antes de tudo, polêmico. Por exemplo: era defensor da classificação das plantas superiores por meio de seus órgãos sexuais, as flores. E, por alguma razão, fazia algumas analogias diretas com atividades sexuais humanas, isto em pleno século XVIII, quando a botânica era feita por sacerdotes. Por exemplo, a seguinte frase: "Mariti & Uxores uno codem que Thalamo gaudent. Flores omnes hermaphroditi sunt, & stamina cum pistilis in codem flore", "Maridos e mulheres se divertem na mesma cama. As flores são todas hermafroditas e os estames com os pistilos estão na mesma flor". O fato das pessoas falarem mau de Lineu só aumentava sua fama. Lineu soube também fazer as amizades certas. Quando esteve na Holanda fez amizade com o maior botânico de sua época, Bernard de Jussieu do 'Jardin des Plantes'. Este logo em seguida adotou o sistema de Lineu de nomenclatura e classificação. Lineu adotava também procedimentos que hoje o Código recomenda não fazer. Por exemplo, todos seus opositores mais importantes receberam "galanteios", como Buffon, um dos principais opositores de suas idéias, "homenageado" por Lineu no nome de um gênero de uma planta mal cheirosa: *Buffonia*. Também um religioso professor botânico da Rússia, de São Petesburgo de nome Siegesbeck, homenageado com o nome de uma planta daninha, *Siegesbeckia*. Hoje em dia há uma recomendação explícita no Código de que isto não deve ser feito.

O método de Lineu esperou 20 anos até que ele abandonasse a idéia de usar polinômios e passasse a usar binômios. A botânica usa uma data diferente como ponto de partida. O binômio já havia sido usado pelo próprio Lineu na obra *Species Plantarum*, de 1753, portanto precedente à décima edição do *Systema Naturae*, onde ele adotou esta praxe para o reino animal. Em outras obras de Lineu isto aconteceu também, mas foram obras tão pequenas e de tiragem tão restrita que a própria Comissão de Nomenclatura decidiu adotar a 10ª edição (1758) como ponto de partida incontestável.

A OPOSIÇÃO AO SISTEMA DE LINEU

Entre os oponentes das idéias de Lineu estava Mathurin-Jacques Brisson (1723-1806), mais jovem que Lineu, um naturalista da época e curador de uma coleção particular "de Reaumur" famosa de Paris, de curiosidades e história natural. A coleção recebia lotes de materiais de história natural das colônias francesas e Brisson fez uma obra em 1760 que pode ser considerada como a primeira grande obra da ornitologia, portanto apenas dois anos após a décima edição do Sistema de Lineu. Brisson não usou o sistema binomial,

mas nomes franceses em geral para as famílias e algumas outras categorias e polinômios latinos ou latinizados para todas as espécies que descreveu. A obra de Brisson em termos ornitológicos tem muito mais conteúdo. Enquanto Lineu era reconhecido por ser extremamente lacônico, usando o menor número de



palavras para descrever qualquer coisa, o que gerava dificuldades no entendimento, Brisson ao contrário era extremamente prolixo, descrevendo com o maior número de detalhes cada ave tratada em sua obra. Brisson em 1760, em sua obra *Ornithologie* descreveu as 1500 espécies que se conhecia na época, com o maior número de detalhes. Enquanto Lineu utilizou autores precedentes para dar nomes simplesmente e incluir em seu sistema de classificação, Brisson teve na maioria das vezes exemplares em mãos. Desta forma a obra dele foi muito elogiada, constituindo-se em um marco da ornitologia, tendo alcançado grande reputação na Europa.

Outro oponente famoso de Lineu foi Buffon (Georges-Louis Leclerc, Comte de Buffon, 1707-1788). Ao contrário de Brisson, Buffon era rico. Tinha apoio da realeza e dois anos após a publicação de *Ornithologie*, como Brisson havia perdido o emprego foi Buffon quem passou a ter acesso direto à coleção de Reaumur. Da mesma forma tinha acesso à coleção do rei. Buffon também achava que não se devia perder muito tempo com classificação e nomeação e sim com conhecer melhor as espécies, sua história natural. Achava que Lineu era muito lacônico, perfunctório e pobre em todos os aspectos e ridicularizava várias das propostas de Lineu. Fez obras pictóricas, com muitos desenhos, muito bonitas e com muitas edições dirigidas a cada segmento do público, mesmo edições populares vendidas a preços mais baratos, tendo assim se tornado muito famoso. Sendo oponente de Lineu e sendo famoso, claro, teve adeptos e fervorosos defensores. Enquanto Buffon existiu, as idéias lineanas não cresceram na França, já que sua opinião prevalecia sobre as idéias metodistas de Lineu e seus seguidores.

Outro oponente de Lineu foi François Levaillant (1754-1824). Mais novo que os dois anteriores, era um fanático seguidor das idéias de Buffon. É um precursor da ornitologia de campo, achava que todo ornitólogo devia aprender ornitologia no campo. Fez expedições memoráveis à África e escreveu obras importantíssimas que tiveram muito impacto no seu tempo e, claro, não adotava o sistema binomial de Lineu, descrevendo todas as aves apenas com um nome em francês.

Como haviam duas escolas, a que seguia as idéias de Lineu e a escola buffoniana, melhor dito, a que fazia a nomeação baseada numa nomenclatura popular, não adotando nomes latinizados, os adeptos de Lineu simplesmente nomeavam espécies surgidas dentre os seguidores de Buffon, sequer sem descreve-las! Alguns publicavam apenas um índice, fazendo referência à uma prancha da obra de Buffon, dando a ela um nome. Uma espécie de “nome legal” segundo os métodos de Lineu.

Os ingleses não defendiam as idéias de Buffon, pois claro não defenderiam as idéias de um francês, mas defendiam que estavam acostumados a classificações já em uso, dos séculos XVII e XVIII, de autores como Ray, Pennant ou Latham, aos quais davam preferência em vez de Lineu, simplesmente. Mas quando Latham, principalmente, percebeu que alguns outros autores estavam dando nomes lineanos a suas espécies batizadas com nomes em inglês, ele apressou-se em publicar um índice, que entretanto foi publicado tardiamente, sendo que ele então perdeu a prioridade sobre todos os nomes que ele foi o primeiro a descrever.

Em todas as doze edições do *Systema Naturae* de Lineu, só existiam estas quatro categorias: Classis, Ordo, Genus, Species. Todas as aves conhecidas na época (em torno de 1500) foram agrupadas em seis ordens:

1. Accipitres (*Falco, Strix*)
2. Picae (*Picus, Buceros, Cuculus, Paradisea, Corvus, Upupa, Psittacus, Sitta, Trochilus*)
3. Anseres (*Anser, Procellaria*)
4. Grallae (*Otis, Struthio, Fulica*)
5. Gallinae (*Gallus*)
6. Passeres (*Columba, Turdus, Alauda, Loxia, Motacilla, Parus, etc*)

Família, outra categoria importante, não foi criada nem proposta por Lineu. Logo foi percebido pelos classificadores a necessidade de se criar uma categoria intermediária, pois havia uma distância muito grande entre ordem e gênero. Logo se percebeu que numa classificação mais natural, menos artificial, havia necessidade de se criar esta tal categoria intermediária, que logo recebeu o nome de ‘família’. Os primeiros a usarem esta categoria foram os botânicos. Jussieu já em 1789 propunha o uso de família na botânica. Esta categoria também apareceu curiosamente na obra de franceses, seguidores da escola de Buffon. Eles usavam a família, mas nomes sem latinização e sem citar o gênero tipo desta família. Desta forma esta família não tem validade hoje, não possuem assim prioridade nomenclatural.

Família também tem autor, sendo entretanto difícil achar isto em nossas fontes. Concordam? Podemos encontrar com alguma facilidade nos catálogos tradicionais o autor da espécie ou do gênero, mas o autor de família e de outras categoria mais elevadas é sempre mais difícil encontrar. Pouquíssimas fontes trazem estes autores. Os principais autores de famílias foram Bonaparte (francês, sobrinho de Napoleão), e os britânicos Vigors, G. R. Gray, Leach e Swainson. Estes autores são habituais também como autores de espécies e gêneros. A idéia de família nasceu na Inglaterra. Só em 1909 Richmond descobriu um panfleto publicado em 1815, na Sicília, Itália, do autor C. S. Rafinesque, que nomeara de forma válida 23 famílias, 20 das quais usadas até hoje. Kirby (1815) e Fleming (1822) da *Linnean Society*, de Londres propuseram o uso consistente da família, o que vale até hoje, sugeriram o uso de um gênero (um tipo da família), mais a terminação “idae”. Portanto a idéia da família como hoje a conhecemos partiu da Linnean Society de Londres. Mas, uma coisa é propor – outra coisa é começar a usar de maneira ampla ! Nenhum daqueles dois eram ornitólogos. Na ornitologia a família começou mesmo a ser usada mesmo em 1825, tendo como precursor W. E. Leach (17 famílias nomeadas, sendo 16 válidas hoje). O passarinho brasileiro *Machenziana leachii* foi nomeado em homenagem a ele.

Alguns exemplos de famílias e seus autores:

Psittacidae Rafinesque, 1815

Picidae Leach, 1820

Tyrannidae Vigors, 1825

Difícilmente se encontrará o uso de parênteses em famílias, porque aquela proposição da Linnean Society foi usada na maioria das vezes.

Nem todas as famílias são antigas. Existem propostas até os dias de hoje, embora não comuns.

Exemplos:

Psilorhamphidae Wolters, 1983

Manacidae Prum, 1992

As Ordens também têm autores:

Gruiformes (Bonaparte, 1834)

Falconiformes (Sharpe, 1874)

Os parênteses nestes casos se dá porque os nomes originais não tinham a terminação “formes”, sendo os nomes originais: Grues e Falconi. O uso de “formes” na ornitologia começou com dois anatomistas alemães no final do século XIX: Fürbringer e Gadow. Mas mesmo uma categoria alta como “Ordem” possui nomeações relativamente recentes. Um exemplo seria “Apodiformes Peters, 1940”. Há outras propostas de ordens mais recentes porém estas não tem sido aceitas amplamente.

Não há prioridade em ordem. Há em família. Em ordem e classe, usa-se as categorias mais aplicáveis. Pode-se ver então que as ordens que usamos hoje não têm autores muito antigos, sendo raro encontrar um autor do século XVIII, pois elas se modificaram a partir do momento em que novos sistemas foram propostos, especialmente aqueles que adotaram a concepção evolucionista. As ordens que usamos hoje foram propostas especialmente por Fürbringer e Gadow e outros do final do século XIX, como Sharpe, por exemplo. Durante 80 anos, como mostrado a seguir, vários autores propuseram nomes diferentes para as ordens e o preceito da prioridade não foi adotado para ordem, senão estaríamos obrigatoriamente usando aqueles mesmas ordens propostas por Lineu.

1760 - Mathurin Jacques **Brisson**: Ornithologie

1790 – John **Lathan**: Index Ornithologicus (1781-85 A General Synopsis os Birds)
1811 – Carl **Illiger**: Prodromus Systematis Mammalium et Avium
1815 – Coenraad Jacob **Temminck**: A Manuel d'Ornithologie
1816 – Louis Jean Pierre **Vielliot**: Analyse d'une Nouvelle Ornithologie Elémentaire
1817 – Baron Georges **Cuvier**: Le Règne Animal
1828 – René Primavère **Lesson**: Manuel d'Ornithologie
1836 – Willian **Swainson**: Natural History and Classification of Birds
Cada uma destas obras propuseram sistemas diferentes para a classificação das aves.

A BUSCA PELA UNIVERSALIDADE DA NOMENCLATURA

Nesses 80 anos pós-lineanos (1760-1840) não havia nenhuma regra ou recomendação que regulasse a nomeação dos animais, da aves em especial, que tivesse um caráter internacional. Pode-se imaginar o caos nomenclatural em que vivia a ornitologia, pois cada museu da Europa seguia o seu próprio sistema de classificação, seu próprio autor e sua própria nomenclatura. O agravamento desta situação foi intensificado justamente porque neste período é que foram feitas as descrições da maioria das espécies de aves descobertas no Novo Mundo. Logo, tornava-se patente que era preciso reformar a classificação, com muitos grupos inteiros sendo descobertos. A realidade em 1840 é que cada espécie tinha muitos nomes atribuídos a ela (qual usar ?) e muitos sistemas de classificação propostos, que poderiam ser adotados.

A situação era tão caótica que o ornitólogo Hugh Edwin Strickland (1811-1853) propôs em 1842, regras para a nomenclatura zoológica (Rules for zoological nomenclature – British Association for Advancement of Science. 12th meeting). Na época prevalecia o preceito da autoridade, ou seja, os autores mais famosos, que publicavam em centros mais ativos, tinham prioridade de seus nomes sobre os demais. A proposta de Strickland, apoiada pela Associação Britânica para o Progresso da Ciência foi subscrita entre outros pelo célebre Charles Darwin. Quase todos os preceitos mais importantes do Código de Nomenclatura atual tiveram origem nas idéias de Strickland. Conectando com o Brasil, é oportuno dizer que Strickland é o autor, por exemplo, de *Pyrrhocomma ruficeps*. Foi um dos homens do século XIX que teve uma das maiores coleções particulares, depois doada ao Museu de Cambridge. Era geólogo e faleceu prematuramente aos 42 anos, mas foi de fato a maior parte de sua vida um ornitólogo, trabalhando exaustivamente no campo. A Lei da Prioridade foi proposta por ele, pois havia chegado à conclusão que não havia uma forma melhor de resolver o problema da estabilidade dos nomes ou da atribuição melhor dos nomes, que fosse mais correta, mais justa. Na época cada um defendia uma coisa, o nome devia ser o “mais apropriado”, o que é muito subjetivo. A Lei da Prioridade vinha resolver uma questão antiga, estabelecendo que vale o nome mais antigo e ponto. Só a partir desta época é que data, autoria, se publicada ou não, tipificação ganharam importância. Todas essas informações tornaram-se chaves. Todos estes dados passaram a ser fundamentais para se aplicar consistentemente as regras de Strickland. Em decorrência disto tudo, se descobriu que uns nomes eram sinônimos de outros, embora estivessem em uso há vários anos. Foi preciso reverter o uso de muitos nomes em favor de outros, às vezes, ilustres desconhecidos. A autoria também antes das regras de Strickland não era coisa muito importante, esta era, por exemplo, alguém que criou o nome mesmo sem publicá-lo. Por isto pode-se encontrar obras antigas que atribuem a autoria a pessoas diferentes. Também não se verá a data ao lado do nome do autor em obras anteriores às regras de Strickland. Para que data ? Se a idade do nome não interferia em nada. A tipificação também foi uma sugestão de Strickland. Nesta época é que se começou a procurar por todos os gêneros até então descritos, que já eram muitos e designar para cada uma espécie-tipo de forma a estabelecer o seu preciso uso. Gray na Inglaterra e Bonaparte na França começaram a publicar obras compreensivas que pretendiam fazer isso, mas não conseguiram tratar de todos os gêneros já descritos.

As regras de Strickland não puderam resolver contudo a questão ambígua da autoria e autores subsequentes a aplicaram de forma diferente. Assim, o autor de um nome científico devia ser quem primeiro coletou a espécie, quem primeiro a reconheceu como nova, quem primeiro cunhou o nome ou quem primeiro publicou a descrição? Hoje está bem definido no Código que o autor é quem publicou a descrição, a não ser que este diga explicitamente que aquela descrição, apesar de estar em seu artigo é de responsabilidade de um terceiro. Não há uma proposta mais fechada no código de Strickland sobre isto e na verdade a autoria de quem havia cunhado o nome, mesmo que publicado por um terceiro, era uma prática naquela época. Um exemplo de citação clássica em catálogo para espécie é a seguinte:

***Formicivora grisea* (Boddaert)**

Turdus griseus (sic) Boddaert, Tabl. Pl. enl., Dec. 1783, p. 39 (based on “Le Grisin”, de Cayenne” Daubenton, Pl. enl. 643, fig. 1). Type in Paris Museum.

Uma das regras mandatórias do Código é que do autor esteja entre parênteses se a descrição foi elaborada originalmente em gênero diferente. O nome original de *Formicivora grisea* foi publicado com uma

incorreção tipográfica, *grieseus* em vez de *griseus*, o que significa que o primeiro 'revisor' precisou corrigir isto. Segue-se a publicação e dados de interesse convencionados pelo catálogo. Boddaert foi um dos autores cuja obra não traz nenhuma descrição, mas apenas a indicação das pranchas de Daubenton, que ilustrara a obra de Buffon. Daubenton editou em torno de 1000 pranchas. Boddaert é então o autor de cerca de 900 nomes que apenas cunhou, mas jamais descreveu – sequer uma linha. O autor do gênero *Formicivora* foi Swainson. Jamais o autor do gênero estará entre parênteses, pois não há como o autor ter escrito o gênero de maneira diferente e mesmo que sejam feitas emendas ao nome, o autor é sempre aquele original.

Obras do início do século XIX traziam descrições de gêneros lacônicas, pois não indicavam espécies tipo.

Habitualmente obras que citam o autor de espécies o fazem por exemplo assim: *Formicivora grisea* (Boddaert). Outra forma seria: *Formicivora grisea* (Boddaert) Hellmayr, o que significa que foi Hellmayr que colocou *Turdus griseus* no gênero *Formicivora*, ele é assim o responsável primeiro por este arranjo que vigora até hoje. Esta última forma é praxe em botânica. Por fim, a citação completa com datas seria: *Formicivora grisea* (Boddaert, 1783) Hellmayr, 1908.

Podemos resumir toda a palestra, respondendo algumas perguntas básicas:

1- Porque apenas a 10ª edição do *Systema Naturae* de Lineu foi considerada a ponto de partida?

R) Porque apenas nesta edição ele usou consistentemente o sistema binomial.

2- Quando o método de Lineu passou a ser universalmente adotado?

R) Quando Buffon morreu. No mesmo ano da morte de Buffon foi fundada a Sociedade Lineana em Paris e mesmo franceses passaram gradativamente a usá-lo.

3- Quando surgiram as primeiras modificações ao método?

R) 20 anos depois. As primeiras modificações substanciais ao sistema de classificação lineano partiram de Bonnaterre e Latham que em 1790 propuseram classificar as aves em doze ordens e não em apenas seis, como constara na 12ª edição do *Systema Naturae* (1766).

4- Qual foi a primeira tentativa de estabelecer regras na aplicação da nomenclatura?

Em 1842, Strickland, um ornitólogo, divulgou suas regras.

5- Quais foram as principais consequências da adoção de regras internacionais?

O uso e aplicação da Lei da Prioridade, onde os nomes publicados (família, gênero e espécie) mais antigos cronologicamente passaram a prevalecer. A transparência e a busca por informações melhores para decidir qual nome disponível utilizar suplantaram os subjetivos preceitos de autoridade.

* Este texto é uma versão transcrita da palestra homônima proferida no IX Congresso Brasileiro de Ornitologia, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, em 27 de julho de 2001.

** Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos

AVES EM FOCO



"Tovacuçu" – Dante Buzzetti – Premido com o 2º Lugar no Concurso de Fotografias do IX CBO



"Patinho Chôco" – Dante Buzzetti – Premiado com o 3º Lugar no Concurso de Fotografias do IX CBO

MOÇÕES APROVADAS

Carta ao Ministro do Meio Ambiente, manifestando agrado pela criação da Estação Ecológica de Murici e solicitando providências para sua efetiva implantação (apresentada por Luiz F. A. Figueiredo)

Vimos por meio deste comunicar a Vossa Excelência que os participantes do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia, realizado de 23 a 27 de julho de 2001, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, reunidos na Assembléia Geral da Sociedade Brasileira de Ornitologia - SBO, realizada nesta data, decidiram por unanimidade apresentar a Vossa Excelência manifestação de completo agrado pela recente criação da Estação Ecológica de Murici, no Estado de Alagoas, a qual preservará importantes remanescentes de mata atlântica do Nordeste, onde, entre outros elementos da biodiversidade, sobrevivem populações de espécies de aves altamente ameaçadas de extinção, inclusive os endêmicos limpa-folha-do-Nordeste, *Philydor novaesi* e a choquinha-de-Alagoas, *Myrmotherula snowi*.

Ao mesmo tempo, os participantes do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia rogam a Vossa Excelência todos os esforços no sentido da efetiva implantação daquela Unidade de Conservação, sabido que entre a decretação de constituição de uma área protegida e sua real proteção há ainda diversas etapas a serem implementadas. No caso de Murici são desejáveis as seguintes medidas: indenização no mais breve tempo possível dos proprietários desapropriados; construção da sede local; fiscalização permanente do local, evitando desmatamentos e mesmo captura das espécies ameaçadas ali existentes; cercar a área, definindo assim claramente seus limites e evitando entrada de criações; elaboração e implantação do Plano de Manejo da unidade.

Na certeza de que Vossa Excelência dispensará toda atenção a esta questão, apresentamos nossas manifestações de elevada estima e consideração.

Carta ao Ministro do Meio Ambiente, com cópias para o Presidente do IBAMA, o Ministério da Justiça, Diretoria do Parque Nacional do Iguaçu, Assembléia Legislativa do Estado do Paraná e IAP, manifestando apoio pelo fechamento da Estrada do Colono, no Parque Nacional do Iguaçu. (apresentada por Cassiano Gatto)

Carta ao IAP, repudiando a situação em que se encontra o Parque Estadual do Rio Guarani. (apresentada por Mauro Pichorim)

PUBLICAÇÕES RECENTES DE INTERESSE DA ORNITOLOGIA BRASILEIRA

- ❖ **CD "Aves das Montanhas do Sudeste do Brasil"**. Luiz Pedreira Gonzaga & Gloria Castiglioni. As gravações foram feitas nas regiões montanhosas dos estados de BA, ES, MG, RJ e SP. São retratadas 141 vozes (cantos e gritos), em 99 faixas. Arquivo Sonoro Prof. Elias Coelho, Depto. de Zoologia – Inst. de Biologia – UFRJ (asec@biologia.ufrj.br) – Centro de Ciências da Saúde, Bloco A, sala A1-101. Ilha do Fundão, Rio, RJ.
- ❖ **"Lista de Referência das Aves do Rio Grande do Sul"**. Glayson Ariel Bencke. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001. O livro relaciona 624 espécies. O autor excluiu da lista do Rio Grande do Sul 12 espécies anteriormente relacionadas para o estado por Belton (Aves do Rio Grande do Sul, Distribuição e Biologia), e acrescenta 25 outras. A despeito de atualíssimo, o próprio autor anunciou durante o IX CBO que alguns novos registros já foram feitos. Além da lista de espécies, com seus nomes científico e populares em português e inglês, o autor incluiu informações sobre a evidência existente para cada espécie (espécime, material osteológico, registro fotográfico, gravação de áudio, recuperação de anilha, registro visual e registro de vocalização) e também o *status* de ocorrência e *status* de conservação. Acompanha o livro um encarte tamanho A4 dobrado, com a lista das aves do estado, que pode ser reproduzido e usado como um *check-list* em trabalhos de campo. FZB: Rua Dr. Salvador França 1427 – CEP: 90.690-000 Porto Alegre, RS. ncs@fzb.org.br 0XX51-336-3281.
- ❖ **"Nattereria N° 2"**. Editada pelo CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. luizfigueiredo@uol.com.br
- ❖ **"Avifauna de Mata Ciliar"**. Wesley R. Silva & Jacques Vielliard. *In*: Matas ciliares: conservação e recuperação. São Paulo: EDUSP. 2000.
- ❖ **"Cracid Ecology and Conservation in the New Millenium"**. D.M. Brooks & F. Gonzalez-Garcia, Eds. - Misc. Publ. Houston Mus. Nat. Sci., No. 2. - 225 pp. - US\$17. jking@hmns.org Jennifer King; Houston Museum of Natural Science; 1 Hermann Circle; Retail Services; Houston, Texas 77030-1799; USA.

ORNITÓLOGOS EM AÇÃO

Jacqueline Bonfim Vasques, aluna do curso de Biologia da UFMS, Campo Grande, está pesquisando aves que se alimentam de flores e frutos de *Inga vera affinis* (Ingá) na mata ciliar do Rio Miranda (Pantanal) e também estuda as comunidades de aves do campus da Universidade e do Parque Estadual Matas do Segredo, ambos em Campo Grande, com o auxílio de colegas do curso. furnarius19@bol.com.br

Solicita-se aos que queiram divulgar suas atividades atuais e recentes que enviem seus dados ao Editor.

NOTÍCIAS

- ❖ **Campanha "Mata Atlântica -- Desmatamento Zero"**. Tem como meta colher um milhão de assinaturas para a aprovação da Lei da Mata Atlântica (Projeto de Lei nº 285/99). www.desmatamentozero.ig.com.br
- ❖ O Instituto Sócio-Ambiental (ISA) está cadastrando todas as **experiências em conservação realizadas na Mata Atlântica**. www.projetosmataatlantica.org.br
- ❖ **O Museu de Zoologia da USP divulgou instruções aos interessados em utilizar as coleções ornitológicas do MZUSP**. As visitas serão realizadas apenas com o acompanhamento do pessoal responsável por estas coleções. Para evitar aborrecimentos e atrasos, os interessados em utilizar as coleções ornitológicas do MZUSP devem comunicar-se, com antecedência, com o Dr. Mario de Vivo (mdvivo@usp.br), Diretor do Serviço de Vertebrados do MZUSP e/ou (preferencialmente) com Luís Fábio Silveira (lfsilveira@uol.com.br), estagiário da seção de aves. As visitas podem ser marcadas também via fax (11 274 36 90). Após este procedimento serão definidas, conjuntamente, as melhores datas e horários, sendo o interessado informado sobre as novas regras para a utilização das coleções. Dúvidas como checagem de espécimes, localidades, datas e outros dados constantes do rótulo dos exemplares podem ser resolvidas contatando-se diretamente Luís Fábio Silveira, preferencialmente via correio eletrônico.

AGENDA

- ❖ **XXIV Congresso Brasileiro de Zoologia**. 17 a 22 de fevereiro de 2002. Itajaí, SC. Tema: "A Zoologia e os Ecossistemas Costeiros". Realização: [Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI](http://www.univali.br) e [Centro de Ciências Tecnológicas, da Terra e do Mar - CTTMar](http://www.cttmar.univali.br/~cbz2002/).
- ❖ **3rd North American Ornithological Conference**. Promovida pela The American Ornithologist'Union, The Cooper Ornithological Society, The Raptor Research Foundation e Society for Canadian Ornithologists, ocorrerá em Nova Orleans, Estados Unidos, de 24 a 30 de setembro de 2002. Terá como tema: "Birds on the Bayou: In the footsteps of Audubon". Outras informações: www.tulane.edu/~naoc-02/ Tom Sherry tsherry@tulane.edu ou Kimberly Smith kqsmith@uark.edu.

VEJA NA INTERNET

- ❖ Um site com uma coleção de links para outros sites com materiais sobre matemática e estatística (documentos e softwares) que podem ser úteis para ecólogos: <http://ebd06.ebd.csic.es/statpage.htm>
- ❖ Um site sobre as Aves do Itatiaia, mantido por Luciano Moreira Lima: www.avesdoitatiaia.hpg.com.br
- ❖ Uma revista on-line de fotografia de fauna e conservação em língua espanhola: <http://www.wildmagazine.com.ar/index.html>
- ❖ Foi criado por Maria Martha Argel-de-Oliveira a Lista Brasileira de Ornitologia. Veja em <http://br.groups.yahoo.com/group/ornitobr>

O Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Ornitologia, destina-se à divulgação de assuntos diversos da entidade, como assuntos administrativos, Congresso Brasileiro de Ornitologia e outros acontecimentos da ornitologia brasileira, a critério da Diretoria da SBO. O Boletim será recebido por todos os associados da SBO via e-mail ou correio. Contribuições devem ser encaminhadas ao Editor, Luiz Fernando de A. Figueiredo luizfigueiredo@uol.com.br

SBO
Sociedade Brasileira de Ornitologia
www.ararajuba.hpg.com.br/